

A educação sexual da comunidade surda: perspectiva da enfermagem

The deaf community sex education: nursing perspective

DOI:10.34119/bjhrv4n1-181

Recebimento dos originais: 29/12/2020

Aceitação para publicação: 29/01/2021

Hector Lourinho da Silva

Acadêmico de Enfermagem

Escola Superior da Amazônia

Endereço: Tv. Djalma Dutra, 999 – Telegrafo, CEP 66087-320, Belém - PA

E-mail: Hectorlourinho.hl@gmail.com

Haroldo Gonçalves de Jesus

Enfermeiro, Residente em Atenção Básica/ESF.

Universidade do Estado do Pará/ Secretaria Municipal de Saúde de Bragança.

Endereço: Rua Treze de Maio nº796- Centro CEP 68600-000, Bragança-PA.

E-mail: haroldogonsalvez@gmail.com

Elizângela Fonseca de Mendonça

Enfermeira especialista em Saúde Pública

Universidade Federal do Pará

Endereço: Av. Barão do Rio Branco Centro, 66000-000 - Igarape-Acu, PA

E-mail: Elizangelafm075@gmail.com

Eliza Paixão da Silva

Acadêmica de Enfermagem

Universidade do Estado do Pará

Endereço: Passagem nossa senhora das graças, N°565, entre São domingos e Lauro

Sodré, Terra-Firme CEP 66077-420, Belém-PA

E-mail: elizapaixao15@gmail.com

Nathália Cantuária Rodrigues

Acadêmica de Enfermagem

Endereço: Rua São Pedro Quadra 09 Casa 18, conjunto carneirinho, Cabanagem CEP

66625500, Belém - PA

E-mail: naathcr@gmail.com

Ricardo Luiz Saldanha da Silva

Acadêmico de Enfermagem

Universidade do Estado do Pará

Endereço: Av. Marquês Herval, 2584 - Pedreira, CEP 66087-320, Belém - PA

E-mail: ricardos.enf2018@gmail.com

Vitória Cristiane Leandro da Silva

Acadêmica de Enfermagem

Universidade do Estado do Pará

Endereço: Cidade Nova IV, we 39, nº 512, Coqueiro, CEP 67133-220, Ananindeua- PA

E-mail: vitoriacrystianebps@gmail.com

Ana Luisa Lemos Bezerra

Acadêmica de Enfermagem

Universidade do Estado do Pará

Endereço: Av. José Bonifácio, 1189 - Guamá, Belém - PA, 66063-010

E-mail: 1998analuisa@gmail.com

Juliane Moreira de Almeida

Acadêmica de Enfermagem

Universidade do Estado do Pará

Endereço: Av. José Bonifácio, 1189 - Guamá, Belém - PA, 66063-010

E-mail: juuhrmoreira@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O tema em questão constitui como objetivo debater as questões sobre sexualidade a partir de estudos que envolvem os surdos e as categorias de gênero, corpo, tradução cultural. Entende-se que a comunidade surda, não por opção, mas por condição, têm por “obrigação” aprender duas línguas: a que melhor responde às suas necessidades de comunicação, no caso a LIBRAS, e a língua padrão da sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, além dos problemas provenientes da discriminação a que são submetidos, por serem vistos como “deficientes”, também precisam enfrentar as dificuldades próprias da falta de informação e comunicação em que se encontram, visto que o seu meio social é estruturado para pessoas ouvintes. As pessoas que possuem algum problema de audição são denominadas como “deficientes auditivos”, ou DA. Segundo Behares (1993 apud NÉLO 1995), “deficiente auditivo é um dos termos utilizados para designar as pessoas que apresentam algum grau de surdez, podendo ter quatro níveis: leve; média ou moderada; severa; e profunda”. Este termo parte de uma concepção médico-organicista que vê a pessoa surda como um ouvinte com defeito. No momento, existe uma discussão sobre o melhor termo de tratamento à estas pessoas. Nesse sentido, Nélo (1995) afirma que o termo “surdo” é mais apropriado para designar as pessoas surdas, por apresentar uma concepção mais particular sobre a surdez. Este termo parte de uma visão sócio-cultural que trata a surdez como um fenômeno com vários determinantes. A referida autora destaca que “o surdo não é diferente unicamente porque não ouve, mas sim porque desenvolve potencialidades psico-culturais diferentes das dos ouvintes” (NÉLO 1995 p.9). Podemos dizer então que as comunidades surdas desenvolvem comportamentos com características próprias de sua maneira específica de internalizar as coisas que acontecem ao seu redor, propiciando, assim, a formação de uma cultura surda. Considerando esta

especificidade da cultura surda, o presente estudo tem por finalidade conhecer como são elaboradas as construções sociais de gênero e sexualidade no seio da mesma, procurando identificar as construções de masculinidades e feminilidades, a partir de aspectos relacionados à divisão sexual do trabalho, e conhecer os posicionamentos dos/as surdos/as acerca das vivências da sexualidade (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade). Concebemos gênero como uma construção social que se expressa nas atitudes, nos valores, nas atividades públicas e privadas de homens e mulheres que fazem com que sejam vistos como tendo naturezas diferenciadas e, assim, posicionados socialmente como diferentes. Nesta perspectiva, o gênero, tomado enquanto categoria analítica, teoriza a questão da diferença sexual, indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo ou diferença sexual.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é exploratória do tipo qualitativa por meio da observação participante, pois se obteve informações que tratam do tema em estudo de artigos diversos e livros que demonstram o objetivo de possibilitar maior familiaridade com o problema levantado, o que leva a considerar a realidade de trabalho do enfermeiro para as suas práticas educativas e informativas.

3 OBJETIVOS

Objetivamos com este resumo apresentar uma problematização acerca das relações de gênero e sexualidade no âmbito da educação e saúde de surdos, assim como apresentar as dificuldades do acesso da população surda aos serviços de Atenção Básica e a percepção dos gerentes de unidades de saúde a esse respeito.

4 DESENVOLVIMENTO

Sempre que se fala de sexualidade, automaticamente se levanta uma placa de tabu, porem esse olhar deve ser desconstruído dentro da saúde, pois o processo sexual faz parte de uma importante linha de combate às IST's. Ao se tratar da construção sexual dos surdos se faz necessário buscar teorias a muito discutidas e que ainda hoje permeiam a temática de forma valida e atual. Para Vygotsky (1984, p.89; 2001) a surdez se define como “um estado normal e não patológico para a criança surda, e o defeito só se é sentido de um modo mediatizado, secundário como resultado de sua experiência social refletida”. Afirma ainda que a linguagem regula a atividade psíquica humana, pois ela é responsável

pela estruturação dos processos cognitivos. Com isso, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita as interações fundamentais para a construção do conhecimento. Conforme Sá (2002) uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade baseada principalmente nesta diferença, fazendo uso de estratégias cognitivas e de manifestações culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. As pessoas com deficiência auditiva e ou Surdo - indivíduo que faz uso da LIBRAS e que é membro de uma comunidade Surda - também possuem a sua sexualidade em formação e em desenvolvimento e faz uso desta em suas relações como qualquer outro ser humano.

A Comunidade Surda assume uma cultura própria e adquirem uma identidade surda, ou seja, características peculiares, como por exemplo: seus debates e teatro abordam questões de relacionamento, educação e visão de mundo das pessoas Surdas. Alguns autores que abordam a surdez confirmam que na cultura surda as pessoas surdas usam a língua de sinais e compartilham crenças de pessoas surdas entre si e com outras pessoas que não são surdas. Corroborar-se também que com base no que foi escrito anteriormente, a definição da surdez foi influenciada historicamente pela tradição médico terapêutica e posteriormente a abordagem educacional aos surdos, isto fez com que não fosse incluída e considerada a experiência da surdez e o contexto psicossocial e cultural onde a pessoa surda se desenvolve (FELIPE, 2007; PADDEN, 1989: 45 apud FELIPE 2007; BENTO, 2005). Freud (1976; 1997) defende que a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade, tendo a ver com a história pessoal de cada um. Ela envolve toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância. Não tem a ver com um objeto, tão pouco com um objetivo. Ela perpassa a necessidade fisiológica, relacionando-se ao desejo. De acordo com as teorias da psicanálise, todos os seres humanos já nascem com a sexualidade, e passarão por diversas fases, cada uma com suas próprias características de comportamento. Desta forma, percebe-se que o sujeito irá exercer ou praticar esta sexualidade tomando por base as informações e experiências adquiridas durante sua vida, se na infância o surdo foi reprimido com relação as suas curiosidades, a sua sexualidade poderá se desenvolver de forma positiva ou negativa a depender da estrutura psíquica do indivíduo construída ao longo de suas vivências. Aprendemos o que nos é ensinado ou somos mediados por nossos cuidadores, seja um pai, uma mãe, uma tia ou avô e levamos isto para nossa convivência social, extrafamiliar. Esta convivência irá corroborar ou não o que aprendemos no seio familiar. Muitas vezes, o que irá fazer com que pratiquemos o

que foi aprendido ou ensinado é a forma como nossa relação com os entes familiares foi construída: confiança, afeto, diálogo, medo, insegurança ou frequentes punições. Outros autores (CRUZ & OLIVEIRA, 2002) defendem que a sexualidade está ligada ao modo como os seres humanos se relacionam, envolve também sentimentos e experiências, assim como está vinculada aos aspectos biológicos, contudo, abrange muito mais do que isto, não se limitando aos órgãos sexuais e ao ato sexual ou ao sexo, mas ao corpo inteiro, total, real e fantasioso. A Língua de Sinais oferece possibilidades de significado, cumprindo o seu papel no desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional dos surdos não pode ser ignorada em qualquer ato de interação por nenhum profissional que possui contato com a população surda. Em uma surdez congênita e pré-verbal pode haver bloqueio do desenvolvimento da linguagem verbal, não impedindo o desenvolvimento dos processos não-verbais. Com isso, as pessoas surdas, por uma limitação sensorial, que as impede de adquirir a língua oral de modo natural, fazem uso de formas alternativas de linguagem, desenvolvendo os processos cognitivos e simbólicos visuais (MEC, 2006). A pessoa com deficiência auditiva merece maior atenção não só na questão da sexualidade, mas também da saúde como um todo, seus direitos e deveres são incontestavelmente importantes para que possam interagir com o meio, a sociedade em que vivem. É obvio a capacitação de profissionais para este papel, a preocupação e solução de certas questões que envolvem sujeitos masculinos e femininos ou ambos podem facilitar o convívio e o desenvolvimento destes cidadãos e cidadãs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível e nem nos cabe eleger superior uma ou outra forma de comunicação, mas perceber as qualidades e limitações de cada uma, notando que as mesmas no fim das contas possuem o mesmo objetivo que é trazer e levar informação, ou seja comunicação, porém cada um atinge camadas sociais diferentes, e que, portanto, no contexto proposto, é a linguagem mais adequada para assim buscar entender e atender os anseios e demandas de limitações linguísticas. A imagem tem se mostrado como uma linguagem poderosa no campo da comunicação, cujo desafio consiste em conhecer seu potencial nos processos e nas práticas de caráter educativo. Na comunidade surda a temática dos direitos sexuais e reprodutivos e do sexo seguro, possui uma grande limitação e pode ocasionar certa intrigar nos profissionais de saúde uma vez que os mesmos não estão capacitados se quer para estabelecer uma linha de comunicação eficaz e eficiente. Se valendo da interdisciplinaridade com o campo da saúde, mas

especificamente, da enfermagem. A interação entre cursos e áreas de conhecimento faz valer o conceito de universidade, há muito perdido. O alto grau de especialização da educação atual acaba por afastar as diferentes áreas do pensar. O trabalho realizado, entretanto, produz o reencontro entre disciplinas, no intuito de atingir um público específico, no caso, a comunidade surda. A acessibilidade vê-se, nessa direção, como outro dos pilares do material produzido. Trata-se da busca pela democratização da comunicação, fazendo-a chegar aos diferentes receptores. Por isso, é fundamental o uso da Língua Brasileira de Sinais e dos diversos recursos visuais. A eficácia desse trabalho se consolida no tripé comunicação, acessibilidade e interdisciplinaridade. É a união desses fatores que nos permite atingir os objetivos almejados. Com o uso dos ambientes informatizados abrimos novas oportunidades de desenvolvimento voltando-nos ao mundo das diferenças, onde uma comunicação a princípio dificultada por meios comuns torna-se efetiva através de alguns recursos tecnológicos, propiciando assim o processo de inclusão.

Palavras-chave: sexualidade, gênero, políticas, tradução cultural, libras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA PRADO, A. R. & MORAES, R. Acessibilidade e o planejamento das Cidades. Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Subsídios para o conferencista – Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE) Brasília, 2006.

BEHARES, L.E. Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, v. 1, n. 4, p. 20-53, 1993.

BENTO, I. C. B. Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS para o Surdo Através da Pesquisa-Ação. Ribeirão Preto/SP, 2005. Paginação irregular. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BRASIL. LEI 10.098 de 2000. Acessibilidade. Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Brasília: CORDE, 2005.

BRASIL. Saberes e Práticas da Inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de Alunos Surdos. 2ª edição. Brasília: SEESP/MEC, 2006. 116p.

CRUZ, A. C. N. da.; OLIVEIRA, S. M. P. Sexualidade do Adolescente: Um Novo Olhar sem Mitos e Preconceitos. Universidade da Amazônia – UNAMA. Belém-Pará, 2002.

FERREIRA, W.B.; SILVA, JF; ASSIS, O.C.D. ; Santos Neto, M.G. Crianças com deficiência e a Convenção dos Direitos da Criança: um instrumento de defesa, ONG Educação para Todos (Ed-Todos- www.edtodos.org.br). 2002.

FREUD, S. Obras Completas: Os Três Ensaios Sobre a Sexualidade. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Volume VII.

GUIMARÃES, I. Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

SÁ, Nídia Limeira de. Os estudos surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 89. _____ A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.